

# Imprensa e o Congresso

Sr.: É incrível como grande parte do nosso Legislativo está podre. Os jornais fotografam os recintos da Câmara e do Senado, praticamente vazios, com menos de dez congressistas e publicam as fotos com comentários que coadunam com o fato destes "grandes homens" não trabalharem e receberem até jetons pela ausência.

Alegam estes Catões tupiniquins que eles, no momento em que a fotografia foi batida, estavam nas comissões trabalhando mais do que se estivessem no plenário ou, então, estavam nas suas bases trabalhando para a sempre querida e desejada reeleição, pois com uma mamata como esta todo o esforço que despendem ainda é pouco para tão maravilhoso fim.

Acontece, porém, que o jeton deve ser pago somente quando deputados e senadores comparecerem e ficarem no plenário, discutindo, ouvindo discursos ou votando e não quando vão para as suas bases cavar votos.

Hoje mesmo (4 de setembro), o senador Fábio Lucena afirma que a constatação de uma verdade pela imprensa é sórdida e "pode estar visando a um golpe". O presidente do Senado o apóia nesta estapafúrdia afirmação.

Será que estes representantes do povo não estudaram a História do Brasil, onde eles poderiam constatar facilmente que, para um jornal que apóie um golpe, existe uma maioria que é contra tal golpe? Será que estes "filhos da Pátria" já se esqueceram dos empastelamentos de jornais que vêm na esteira de todo golpe e que a *Tribuna da Imprensa*, no Rio, e *O Estado de S. Paulo*, em São Paulo, sãs testemunhas vivas, não se devendo esquecer também que este último jornal foi ocupado *ma-nu militari*? É o caso de se perguntar o que estavam fazendo, naquele momento, os srs. Lucena e Fragelli. Nada, provavelmente.

Agora, como na história do marido enganado e o divã, eles pretendem modificar a Constituição, incorporando os jetons ao fixo. É o cúmulo da malandração! Pois, daqui a uns anos, eles modificarão novamente a Constituição e estabelecerão novo jeton, ficando, então, com dois: o fixo e o móvel.

O senador Lucena afirmou ainda que o exercício do mandato não se esgota no plenário. E citou, como exemplo, o fato dos senadores João Castello e Carlos Alberto estarem ausentes naquele momento mas iriam ganhar o "jeton", por estarem em campanha política por suas esposas, candidatas a prefeitas de São Luiz e Natal, respectivamente. É o cúmulo!!!

Além disso, o senador Lucena classifica um homem do gabarito de Antônio Ermírio de Moraes como "melante do cimento", pelo fato deste homem ter criticado o parlamento por todas estas barbaridades que lá se cometem, em detrimento de nós, democratas, pois não faltam, nas imediações do Congresso, quem queira fechá-lo, dando-lhe a pecha de corrupto. E isto, a imprensa e a maioria do povo brasileiro não aceita, pois a grande imprensa só viceja em clima de liberdade, onde exerce um Congresso atuante, pois é por ele, que ela pode protestar contra os desmandos dos prepotentes do momento.

E um Congresso limpo e honesto não aceitaria fatos como acima apontados da cabala política de dois senadores por suas esposas ganhando o nosso dinheiro indevidamente e nem aceitaria fatos apontados pela imprensa honesta (*O Estado de S. Paulo*, edição de 4 do corrente) de que d. Sheindell Herzenhut ganha mais de dez milhões de cruzeiros por mês, para prestar serviços à 4ª Secretaria da Câmara dos Deputados, mas lá não comparece nem para receber o seu ordenado, pois ele é levado a domicílio, no Rio onde reside, pelo seu cunhado José Frejat, deputado do PDT daquele Estado. Se isto não for vergonhoso, sujo, desonesto, amoral e aético, então não entendemos mais nada de nada. **José Alexandre**, Capital

Sr.: Um tênuo fio de esperança existia, quanto ao futuro próximo do Brasil. Esse fio, esgarçado pelos repetidos escândalos, rompeu-se quando figuras de proa, do nosso mais alto poder legislativo, o Congresso, resolveram descarrigar, sobre a Imprensa, o Rádio e a Televisão, sua ira pelo desnudamento das suas bandalheiras. Primeiro foram os pianistas, depois os jetons!

E o que fazem os nossos "pró-homens"? Ao invés de baterem no peito, confessando suas culpas — com o que poderiam reconquistar alguma confiança — debateram contra os meios de comunicação, acusando-os de vendidos a interesses escusos, os mais afoitos, outros, simplesmente se calam, se encolhem, se escondem, a espera que a onda passe. Há exceções, sem dúvida. Mas o que choca é que figuras que mereciam nosso respeito e até admiração também se calaram, talvez julgando o caso sem importância.

Esses homens se esquecem que, aqui, na planície rasa, está uma população que sofre, silenciosa, quase exanguem, premida pelo arroxo salarial, sujeita à sanha dos aproveitadores, sempre acuada pelo Leão — que repassa os prorventos dos "pró-homens" — que já não pode nem sorrir ao ouvir a "futurologia" de ministros que antecipam de anos os números da inflação declinante, mas que ainda assim espera um futuro melhor.

Isto faz lembrar as palavras finais da bela página de Eça de Queiroz (Páginas de Jornalismo — 1867): "Os que trabalham": "E o mundo oficial, opulento, soberano, o que faz a estes homens que o vestem, que o alimentam, que o enriquecem, que o defendem, que o serve? Primeiro, despreza-os; não pensa neles, não vela por eles; trata-os como se tratam bois; deixa-lhes apenas uma pequena porção dos seus trabalhos dolorosos; Não lhes melhora a sorte, cercados de obstáculos e de dificuldades; forma-lhes em redor uma servidão que os prende e uma miséria que os esmaga; não lhes dá proteção; e, terrível coisa, não os instrui; deixa-lhes morrer a alma. E por isso que os que têm coração e alma, e amam a Justiça, devem lutar e combater pelo Povo. E ainda que não sejam escutados, têm na amizade dele uma consolação sumptuosa".

Esse "mundo oficial" não pensa no que poderá vir: o caos total, completo, quando todos, Povo e mundo oficial, serão tragados pela loucura coletiva da qual se aproveitarão os audaciosos, para usufruir do que restar da hecatombe.

Pró-homens — do Executivo, do Legislativo, do Judiciário meditem, também, sobre estas palavras de Benjamin Disraeli: "A vida é breve. Não pode, não

deve ser mesquinha. Há tanto que fazer, tanto que aprender. É preciso participar, mesmo quando houver pouco para contribuir". Os senhores têm muito para contribuir. **Olivier W. Heiland**, Santos

Sr.: Como associado da Associação Paulista de Imprensa e ex-presidente da Associação Sul Mineira de Imprensa, de Poços de Caldas, estou solidário com a Imprensa Nacional quando esta, cumprindo sua missão, traz, ao conhecimento público, as mazelas que ocorrem, diariamente, no Senado e na Câmara dos Deputados.

Ao contrário do que afirmam certos parlamentares, não há, evidentemente, "uma orquestração manipulada por interesses antinacionais" contra o Legislativo do nosso País. A Imprensa — taxada de sórdida por um dos nossos senadores — por dever de ofício, limita-se a transmitir, ao grande público, tudo o que vê e sente. Ela — a Imprensa — não pode anunciar que o plenário está locupletado quando está vazio...

O que está acontecendo, infelizmente, é estar o Congresso carente de autênticos representantes do povo. Os que lá estão, salvo honrosas exceções só comparecem às sessões quando têm interesses pessoais para defender.

O eleitorado, ainda não suficientemente politizado, elegeu péssimos representantes.

A propósito de eleições, lembramos da citação que nos legou D. Pedro II: "As eleições, como elas se fazem no Brasil, são a origem de todos os nossos males políticos". E isso foi dito no ano de 1870... Continua sendo...

Lamentável. Se melhores representantes lá estivessem a Imprensa não teria motivos para criticá-los. **Felix Coetaet**, Capital

Sr.: José Fragelli, presidente do Senado, concebeu o plano de requisitar uma cadeia nacional de rádio e televisão para defender o Legislativo da "campanha deletéria" que a imprensa tem movido contra o Congresso. De acordo com sua excelência, os jornais apenas querem "macular e denegrir a imagem do Senado", sem levar em conta os "reais serviços" prestados por este ao Brasil... E o deputado Ulysses Guimarães, embarcando no mesmo trem, afirmou que a agressão é inaceitável", constitui "um desserviço à democracia", pois "favorece o retorno à ditadura". Mas a fúria dos pais da pátria não se deteve aqui. Foi mais além, extravagou-se em rompantes histéricos. Amaro Netto, do PDS do Rio de Janeiro, prorrompeu em vociferações contra o *Jornal de Brasília*, e outro deputado, Samir Achôa, do PMDB de São Paulo, esgoelando-se, despejando uma gritaria dos 600 diabos, classificou o noticiário do referido periódico de "um achincalhe, uma vergonha". Bete Mendes, atualmente carecida de partido, também pôs as manguinhas de fora: pipilou, como uma juriti ofendida, chorosa, que agora os jornais "só sabem atacar o Parlamento" e que quem arremessa "tal tipo de chacota está desfazendo do povo brasileiro".

Qual é o motivo de tamanho berreiro, como se estivéssemos ouvindo a algazarra de um bando de maitacas? É simples e cômico: o *Jornal de Brasília* apresentou uma foto cujo texto insinua a semelhança entre o Congresso e um circo montado na Esplanada dos Ministérios. A lona do circo, nessa foto, esconde a cúpula do Senado, parece fazer parte do edifício do Congresso...

Os senhores deputados e senadores não deviam ficar tão enfezados, tão possessos. Encolherizaram-se e perderam a compostura por causa de uma insinuação improcedente. Sim, pois num circo existe labor, sinceridade, idealismo, e no Congresso Nacional não encontramos nada disso. Todos os profissionais de um circo merecem o nosso respeito, a nossa admiração, pois se acreditam no exercício de uma profissão honrada. Os palhaços ganham o pão de cada dia com o suor dos seus rostos carminados. Eles, ao contrário de tantos deputados e senadores, são competentes, trabalham, não são parasitas da Nação.

Eu aplaudo um anão de circo, mas não posso homenagear um deputado como o sr. Jaime Câmara, do PDS de Goiás, que desde a sua posse, em 1983, só esteve na Câmara uma única vez. Tal deputado não faz jus ao seu sobrenome.

Eu admiro o mágico no meio do picadeiro, a tirar pombinhas de sua cartola, mas não sinto o mesmo pelo senador Moacyr Dalla, que nomeou sem concurso, de forma ilegal, 1.554 pessoas.

Em me divirto com o faquir devorador de pregos, lâmpadas, giletes e cacos de vidro, mas não acho graça nenhuma na votação fraudulenta dos deputados-pianistas, quando apertam botões para a contagem dupla de sufrágios.

Eu elogio um palhaço, mas não enalteço um Congresso que executa pagamentos de sessões extraordinárias não realizadas, de sessões, que duram cinco minutos, ou menos, e logo a seguir convoca outra sessão. Congresso fecundo em jetons, porém estéril em boas iniciativas, em produtividade.

Eu respeito todos os profissionais de um circo, porque conhecem as suas tarefas e cumprem a missão que o público espera deles, mas não respeito tantos deputados e senadores madraçós, assonorentados, parlapatões, politiqueiros, desprovidos de cultura, deputados e senadores que quando abrem a boca cometem erros crassos de concordância ou expelem pomposas e retumbantes banalidades.

Como brasileiro, ao contemplar o Senado e a Câmara Federal, sinto asco, vergonha e desprezo. E o sr. Ulysses Guimarães meta isto na sua cachola: a incapacidade, a orgia de gastos e as papagaiadas inconseqüentes do Congresso — essas três coisas — favorecem o retorno à ditadura.

Vamos elevar o circo, portanto, e o palhaço, às mais alcandoradas culminâncias, e reverenciá-los, pois ambos — o circo e o palhaço — são úteis, sadios, não prejudicam a Nação, não mamam avidamente nas exauridas tetas do Estado, à semelhança de dezenas e dezenas de deputados e senadores, imersos na pasmaceira, na quietação mal-cheirosa das lagoas de águas estagnadas, na incompetência solene, crônica e sem remédio. Contudo, apesar dessa letargia, dessa preguiça velha, bocejadora — e isto é um escárnio, um acinte, um paradoxo —, eles sempre agadamham, com febris olhos cobiçosos, os jetons das fictícias sessões extraordinárias, tão imponderáveis como o homem invisível de H. G. Wells. **Fernando Jorge**, Capital